

UM DEDO DE PROSA:  
SILVANA PINHEIRO<sup>1</sup>A LITTLE PROSE:  
SILVANA PINHEIRO

Natália Gadioli\*

**N**atália Gadioli (NG): Olá<sup>2</sup>, está no ar mais uma edição do nosso programa Um Dedo de Prosa. E quem está com a gente aqui hoje é a escritora capixaba Silvana Pinheiro Taets<sup>3</sup>, que escreve muitos livros infantis, infantojuvenis. Com oito livros publicados entre prosas e poesias, Silvana Pinheiro é uma apaixonada pela literatura infantil. Mas além do trabalho dedicado às obras literárias, Silvana é educadora, faz roteiros de histórias em quadrinhos e dá palestras, cursos e oficinas na formação de mediadores de leitura. Seja muito bem-vinda, Silvana, ao nosso programa Um Dedo de Prosa.

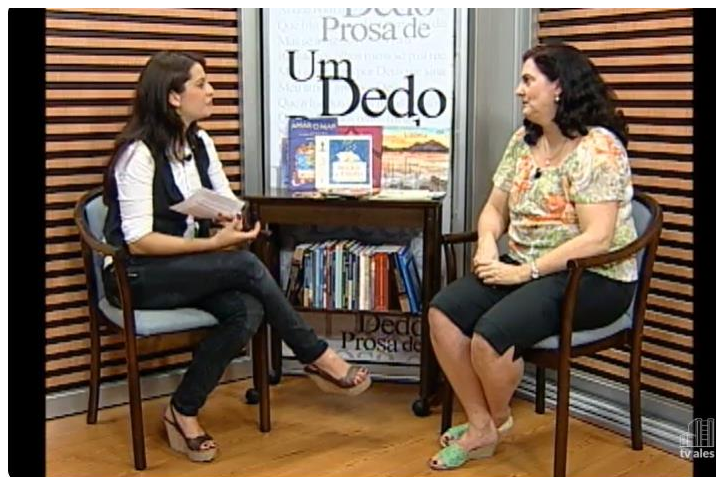
<sup>1</sup> TV ASSEMBLEIA Legislativa do Estado do Espírito Santo. *Um dedo de prosa: Silvana Pinheiro. Entrevista a Natália Gadioli*. Vitória, 23 jan. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zPKWdcYWOWs&t=250s>>. Acesso em: 27 mar. 2026.

\* Jornalista.

<sup>2</sup> Transcrição da entrevista realizada pelo Neples. Para dar ao texto maior legibilidade, optamos por excluir, em geral, as diversas marcas próprias da conversa coloquial, como expressões expletivas ("né?", "assim", "então", "Aham", "Hum", "sabe?" etc.); frases repetidas ou fragmentadas pela hesitação, dúvida ou gagueira eventual.

<sup>3</sup> A entrevista original refere-se à autora como Silvana Pinheiro Taets. A pedido dela mesma, omitimos o último sobrenome, usado na época, de maneira a garantir o registro com o qual prefere ser identificada atualmente em sua biografia, em especial, a literária [N. do E.].

**Silvana Pinheiro (SP):** Obrigada, Natália. Um prazer estar aqui.



Um Dedo de Prosa Silvana Taets



Assembleia Legislativa do ES  
33,6 mil inscritos



5



Compartilhar



Print da entrevista de Silvana Pinheiro  
a Natália Gadioli no programa *Um dedo de prosa*.

**NG:** Silvana, vamos começar falando um pouquinho sobre isso mesmo. O seu trabalho, principalmente, é voltado para esse público infantojuvenil. Tem algum motivo especial para você trabalhar com esse público? Ou foi uma coisa que foi acontecendo espontaneamente: você começou a escrever os textos voltados para crianças e para jovens?

**SP:** Olha, o que aconteceu é que eu sou educadora também. Trabalho desde os 17 anos, eu trabalho com Educação, com educação infantil, ensino fundamental, e eu trabalhei muito tempo com a formação de professores também, para atuar com esse público infantil, trabalhando com eles sobre a formação de leitores, alfabetização e formação de leitores. E eu tive muito contato com o livro infantil nessa época, quando eu comecei a produzir livros mesmo, histórias para serem publicadas. Eu acabei me interessando cada vez mais por ler esse tipo de material, e a minha produção começou a caminhar para aí. Coincidiu na época também que eu estava iniciando minha produção maternal; estavam nascendo os meus filhos. Eu acho que por conta também do contato com eles como crianças, acabou a minha produção literária se direcionando para esse público.



Silvana Pinheiro e a infância dos seus filhos,  
inspiradores da sua literatura para crianças (Acervo da autora).

**NG:** Como é que é escrever para crianças e para jovens? Tem uma linguagem muito específica também, não é? É mais difícil? Você também tem outras linhas de textos, mas tendo esse público como principal, qual é a diferença? Escrever para esse público tem o que de diferente?

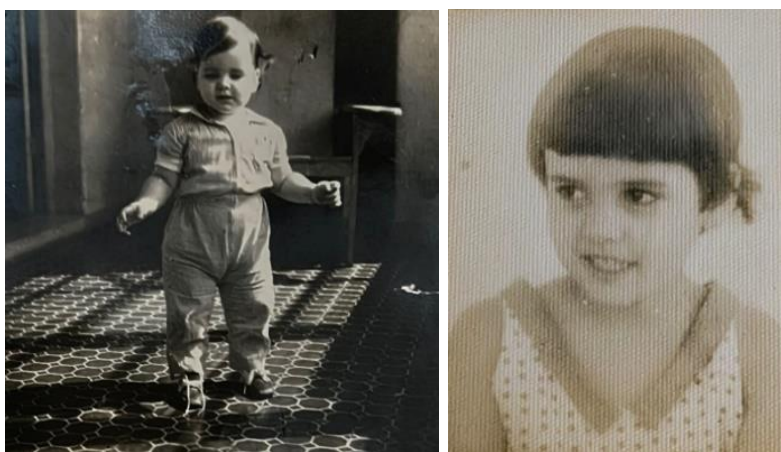
**SP:** Olha, nós temos que ter uma preocupação; quem escreve para esse público, infantojuvenil, tem que ter uma preocupação com a linguagem. Mas ao mesmo tempo, uma linguagem que não seja uma linguagem infantilizada, porque os meninos não querem ser tratados como muito “infantis”; eles querem ser respeitados na inteligência que eles têm. Eles são muito inteligentes. Às vezes eu vou às escolas para dialogar com os meninos, eu vejo, assim, quantas perguntas interessantes que eles fazem. Como que eles às vezes alcançam coisas da leitura do livro que eu nem imaginava. Então, a gente tem que fazer isso, mas sem menosprezar esse público. Escrever para a criança tem uma linguagem específica, mas sem menosprezar a capacidade de inteligência que ele tem, para dialogar com esse texto que ele vai conhecer. Então isso acaba sendo muito difícil, porque você tem que se policiar em muitos sentidos. É um desafio; escrever para crianças não é fácil, é um desafio.

**NG:** Mas é um público que dá uma boa resposta.

**SP:** Dá, dá uma boa resposta. Quando não gosta não gosta também, não é? Eles são muito honestos; quando eles curtem o que você escreve, eles manifestam isso com muita sinceridade, mas também quando eles não gostam de alguma coisa, eles falam. Isso é muito bom, porque você está lidando com um leitor sincero, que não está só te elogiando. Ele faz questionamentos, ele faz críticas ao seu trabalho... Lidar com o público infantil é interessante.

**NG:** Nesse mundo cada vez mais virtual, com a internet, as crianças de hoje já “nascem com computador”, e sempre muito envolvidas com isso, sempre online, não é? Como é que é trabalhar para esse público infantojuvenil, para os jovens também, obviamente. Dessa forma é mais difícil conseguir levar o livro até esse público?

**SP:** É, é mais difícil, porque a nossa tendência — de quem escreve para crianças — é tentar falar pra criança que a gente foi; e eu fui criança há 40 anos atrás.



Silvana Pinheiro na infância (Acervo da autora)



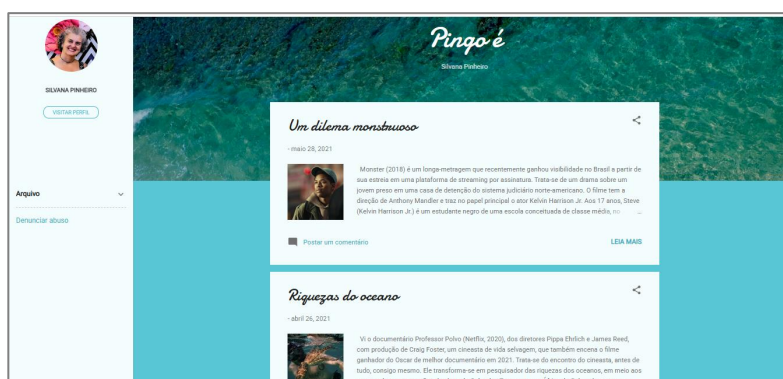
Então, escrever para criança hoje é [escrever para] uma outra criança. Eu tenho que estar, eu tenho que buscar estar atenta com a realidade que eles estão vivendo hoje, com o linguajar deles, com o próprio suporte a que eles estão muito mais acostumados daqui para a frente. A tendência é cada vez mais eles quererem ler na tela do computador, em outras telas menores que vão surgindo. Assim, eu não digo que o livro vai acabar, de maneira nenhuma, mas tem que também se entrar nesse mundo que é deles. Eu mesma já entrei; livros meus que estão esgotados eu já os postei na internet com livre acesso, até para eles poderem ter, conhecer esse livro dessa forma que hoje comunica muito mais com eles.

**NG:** Você vê, então, como uma alternativa também esse espaço ou, na verdade, como uma soma?

**SP:** É um acréscimo. Eu não vejo que essas linguagens são concorrentes entre si. Eu não vejo que a internet concorre com o livro. Se o pai e a escola, que trabalham na formação do menino desde pequeno, ensinarem a leitura, incentivarem a leitura, essa criança vai crescer, lendo o livro, vai crescer lidando bem com a internet, vai ler na internet. Eu não vejo como coisa concorrente com a outra, não. Eu acho que tudo depende de como se encaminha isso quando a criança é pequena. E a base da formação do leitor, ela vem é dessa idade pequenininha. Criança não vai gostar de ler depois que ela já está no ensino fundamental lá pela oitava série. Ela tem que ser formada como leitor desde antes de saber ler a palavra escrita. Mesmo quando ela só lê a imagem, que ela

pega o livrinho e vira a folha e só lê o desenho que está ali, ela tem que ser formada a partir daí.

**NG:** Você inclusive também aderiu ao meio virtual, tem um blog, onde você coloca suas produções literárias. Esse blog, na verdade, você também trata de outros assuntos. Aí, já não é mais tão voltado para esse público.



Print do blog *Pingo é*, de Silvana Pinheiro.

**SP:** É, não é. Nesse blog eu até dou notícias, porque eu vou muito a escolas; então, às vezes, eu coloco lá pequenas notícias da minha ida e contato com leitores que leem os meus livros. Tem um espaço para eu mostrar os meus livros e tal, mas é um texto, é um blog literário mesmo. Lá eu posto poemas, crônicas literárias. E é um público diversificado; tenho tido muito bons retornos, pessoas que têm frequentado o blog, têm lido, conhecido as coisas que eu escrevo, e que acabam realmente não sendo esse público infantojuvenil. Uma outra linha de produção, e que eu espero também publicar outras coisas para um público que não seja só infantojuvenil.

**NG:** Então, saindo um pouquinho aí do mundo virtual, voltando para o mundo mais “palpável”, quando foi que você começou a pensar em publicar livros, mostrar para o mundo, para as pessoas, o seu trabalho? Porque você, já desde adolescente, disse que já fazia seus textos, já escrevia independente da escola...

**SP:** Isso.



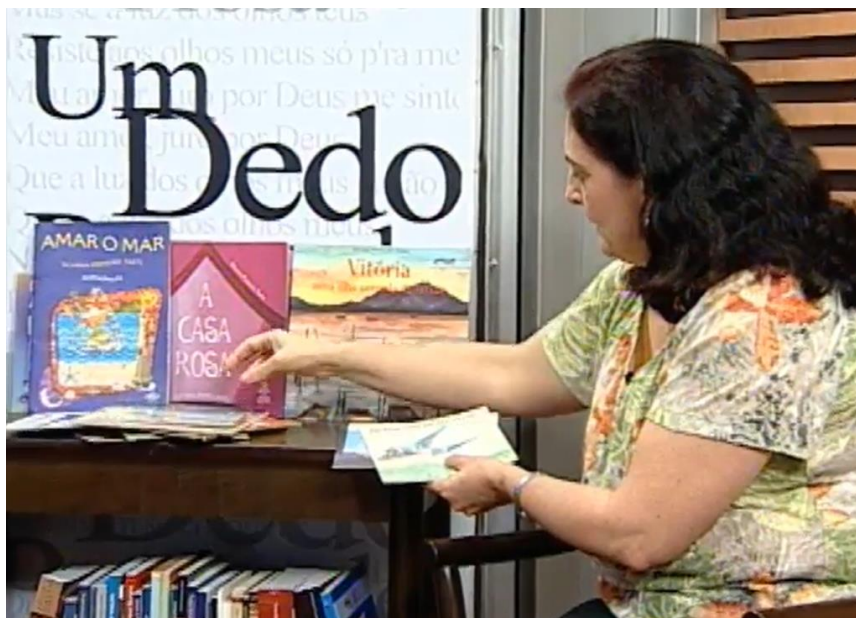
**NG:** Mas quando foi que você começou a despertar para produzir mesmo para fora, para outras pessoas terem acesso ao seu trabalho?

**SP:** Então, eu sempre gostei muito de ler e escrever, desde pequena mesmo, e tinha esse sonho, tinha vontade de ser escritora. Eu pegava os livros de escritores que eu gostava muito ou tinha um contato às vezes na escola com algum escritor — porque na época eu tive essa oportunidade também —, e eu ficava sonhando de ser isso. Mas você cresce, você vai estudar, faz a faculdade, começa a trabalhar e casa e tem filho... Você acha que é uma coisa meio irreal, fora da vida prática; parece, não é? Ser artista em qualquer área parece que não... ainda mais no Brasil, em que você tem muita dificuldade de realmente mostrar, às vezes, o seu trabalho. Mas quando eu comecei a trabalhar com muitos livros na formação de professores, eu comecei a produzir e comecei a mandar para concurso, comecei a mandar para editora, e aí foi saindo... O primeiro livro, ele saiu porque foi fruto de um concurso literário; ele foi premiado no concurso e uma editora de Minas Gerais se interessou por publicar o material. Daí, quando você já tem um livro publicado, você começa a abrir caminhos para publicar outros. A publicação do primeiro livro no Brasil é uma coisa, para o escritor, muito difícil. Mas isso já foi... eu já tinha 29 anos; já era casada há muito tempo, já tinha meus filhos, já tinham nascido. Então, eu comecei a encarar isso como uma possibilidade. Não posso dizer, assim, de “viver de literatura”, porque viver de literatura no Brasil é uma coisa muito difícil, mas de encarar como uma atividade produtiva, no sentido de produção minha mesmo...

**NG:** Não só como hobby, não é?

**SP:** Não só como hobby, não só como gosto de escrever. Foi mais a partir dos 25 anos por aí...

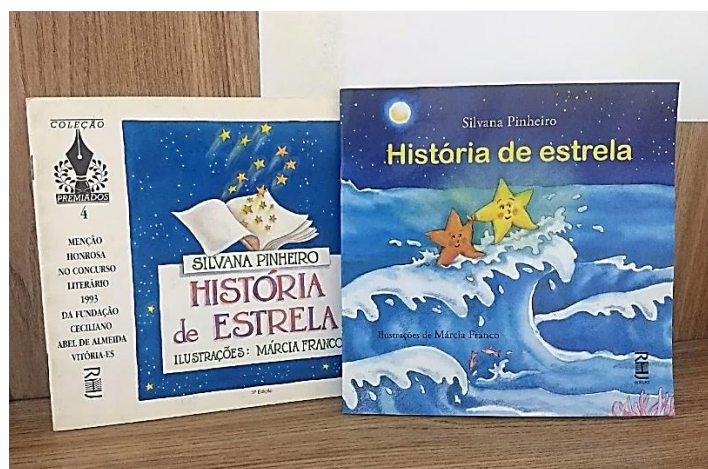
**NG:** Vamos aproveitar então para falar um pouquinho do seu trabalho, das suas obras. São oito livros publicados.



Livros de Silvana Pinheiro  
expostos no programa *Um dedo de prosa* (Print da exibição do programa).

**SP:** São oito livros.

**NG:** E você trouxe alguns para a gente. O primeiro, *História de estrela*.



Capas das edições de *História de estrela*,  
primeiro livro de Silvana Pinheiro (Print da exibição do programa).



**SP:** É, o primeiro foi esse que eu falei, que foi fruto de um concurso; primeira publicação. Depois, tive outro de outro concurso também, que é esse *O jogo de sete tempos*. É a história de uma menina que entra num computador.



Capa de *O jogo dos sete tempos*, de Silvana Pinheiro.

Depois, teve esse aqui [*Houve um beija-flor*], foi da Lei Ruben Braga, que também foi selecionado para fazer parte de uma coleção... é sobre a vida do Augusto Ruschi, para crianças, que é um cientista capixaba. Praticamente nós não temos produção sobre ele para esse público, mas hoje, infelizmente, está esgotado, não consegui reeditar.



Print do programa *Um dedo de prosa* quando a autora Silvana Pinheiro mostra a edição esgotada de *Houve um beija-flor*.

**NG:** É um livro, esse aí traz uma história...

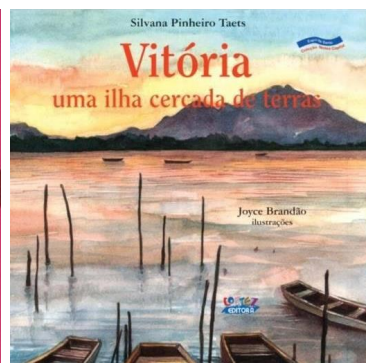
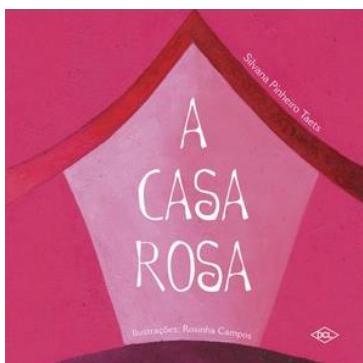
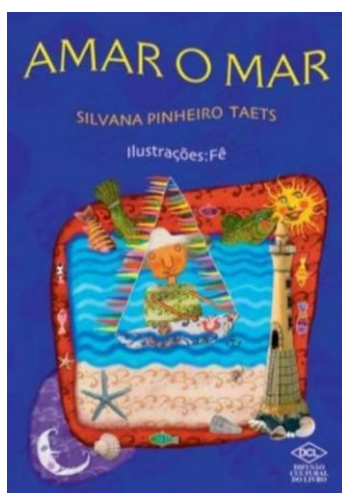
**SP:** Uma biografia...

**NG:** É biografia, história do Espírito Santo...

**SP:** Escrita de uma forma poética, meio fantasista, tem coisas de mentirinha, coisas de verdade, não é? Mas é um livro meio biográfico sobre ele.

**NG:** Didático também, não é?

**SP:** Meio didático, no sentido de motivar a pessoa a conhecer mais sobre a vida dele. E aí outros livros; depois veio *Amar o mar*, que é um livro de poemas; *A casa rosa*, que é um dos livros mais bem aceitos por públicos de modo geral. E o último livro que é esse aqui, *Vitória, uma ilha cercada de terras*, o último livro que eu publiquei. Alguns desses têm ilustrações também de artistas capixabas; outros foram feitos por editoras de fora, com outros ilustradores de outros estados.



Capas dos livros de Silvana Pinheiro.



A autora Silvana Pinheiro comentando seu livro *Amar o mar*, numa escola de educação infantil de Vitória, no Espírito Santo (Acervo da autora).

**NG:** Em geral, você costuma tratar de temas semelhantes. Tem uma linha que você segue nos seus livros? Tem uma relação? Como é que é isso? Você procura trabalhar... tem alguma coisa que te atraia mais a escrever sobre, mesmo que seja para as crianças?

**SP:** É, tem duas linhas fortes que talvez eu identificaria. Uma é em relação à forma. Minha produção, de um modo geral, ela é muito carregada de poesia. A linguagem poética é muito presente nos meus textos, mesmo naqueles que são narrativos. Então, isso é uma marca de identidade forte. E eu caminhei muito na linha... muitos dos meus livros têm uma relação também, muito, com a natureza, com o meio ambiente; tem um pouco dessa temática forte, mas não todos. *A casa rosa*, por exemplo, é uma coisa completamente diferente; não tem a ver com uma questão ambiental; é muito mais uma linha, talvez, de uma literatura mais psicológica. Então, não tem nada a ver. *O jogo dos sete tempos*, uma narrativa que tem mais um pouco de suspense. Tem uma tendência para escrever sobre a questão ambiental, porque eu gosto muito, já até trabalhei como educadora ambiental, mas não é uma linha única.

**NG:** Mas aí a gente tem bastante variedade tanto em conteúdo, em tema, quanto em forma, não é? Você escreve poemas, narrativas...

**SP:** Sim.

**NG:** Bastante variado.

**SP:** É. Na verdade, de poemas eu só tenho um livro, mas eu tenho *A casa rosa*, que é um livro altamente... é uma narrativa, mas é todo escrito em forma de poesia. O que a gente chama de prosa poética em literatura. Então, a poesia, a linguagem poética é uma marca muito presente nos meus textos, em todos os livros.

[...]⁴

**NG:** Eu gostaria de saber também, Silvana, se esse contato com os jovens, com as crianças, ele te inspira no seu dia a dia, ajuda no seu processo criativo; se você também escreve nos seus livros de forma didática, se isso também tem uma relação pelo fato de você ser uma educadora.

**SP:** É, a minha preocupação não é tanto didática, não, porque eu procuro escrever literatura mesmo. Com exceção desse último livro, que ele é, talvez fosse mais paradidático — porque é a história de Vitória para crianças, chama *Vitória, uma ilha cercada de terras* —, os outros livros não têm uma preocupação de estar muito presos à realidade; é mais a imaginação mesmo, a poesia. Agora, sem dúvida alguma, a relação, a convivência com crianças e jovens e com as famílias deles faz a gente pensar sobre a vida, sobre os relacionamentos, e vêm as ideias, vêm inspirações, digamos assim, para a gente poder tratar determinados temas. Então, sem dúvida alguma, isso de alguma forma influencia, mas não no sentido do trabalho educacional, porque o meu trabalho não é educativo, ele é um trabalho literário.

---

⁴ Os colchetes indicam cortes na transcrição da entrevista, porque se trata de intervalo, propaganda ou repetição da apresentação inicial sobre a autora (N. do E.).

**NG:** Entendi. Eu vi também nas minhas pesquisas que você trabalha dando cursos, palestras, oficinas para formar mediadores de leitura. Como é que seria isso? Qual o objetivo desse trabalho? É um trabalho que você faz extra, que você oferece pela sua experiência e por querer também trabalhar na formação de leitores. É isso?

**SP:** Eu, como educadora, percebo que especialmente a escola no nosso país, um país em que a grande maioria da nossa população tem ainda muita dificuldade de acesso ao livro. Isso tem melhorado cada vez mais; a gente tem tido mais bibliotecas; as escolas estão investindo mais em leitura de alguma forma, mas ainda temos muito a crescer. O papel da escola na formação de leitor — o leitor que goste de ler, que aprecie a leitura, que não só leia porque a escola pede, mas porque tem prazer de ler —, a formação desse leitor, ela precisa ser uma formação embasada, intencional. Então, o meu trabalho basicamente é com professores, para que eles possam também formar leitores. Esse é um trabalho que eu faço já há muito tempo, e não sou só eu; tem vários profissionais que lidam com a literatura no estado, que têm investido também nesse campo, de a gente pensar a questão da leitura no nosso país, a importância disso, o quanto as novas gerações precisam ser incentivadas a ler.

**NG:** Incentivadas a ler também produções capixabas?

**SP:** Principalmente. A gente tem que valorizar aquilo que é nosso; a gente tem que conhecer tudo, tem que conhecer a literatura mundial, tem que conhecer a literatura brasileira de modo geral, mas é importante conhecer as coisas que são da nossa terra. E nós temos muito bons escritores, escritores que estão no nível de qualquer escritor importante do nosso país. Só que a gente, às vezes, tem pouca oportunidade, no nosso estado, de dar visibilidade às coisas que são produzidas aqui. Os nossos escritores aqui têm mais dificuldade de ter essa visibilidade, principalmente a nível nacional. Nós temos poucos escritores que



conseguiram esses espaços. Mas a qualidade não falta; só precisamos ter oportunidades de publicar mais. E de novas gerações de escritores aparecerem. De novas editoras aparecerem. Isso é uma coisa necessária.

**NG:** Esse foco, esse público infantojuvenil, como que você vê aqui no estado? Há espaço para novos escritores? A produção tem sido constante ou ainda precisa de mais incentivo? Como é que está esse meio aqui? Como é que está o processo?

**SP:** É, nós temos bons escritores de literatura infantojuvenil que publicam aqui, publicam fora daqui com editoras de fora. A nossa dificuldade realmente são editoras que produzam, porque produzir um livro para criança não é só o texto; é a imagem também; é um conjunto de textos verbais e não verbais. A produção disso requer especialização; a gente está competindo com gente do Brasil todo que tem editoras que produzem de forma belíssima os seus livros. Então, não dá para produzir de qualquer jeito; tem que produzir de uma forma profissional. E eu acho que tem um mercado muito grande aqui no estado para isso, de investimento nesse sentido, de se criarem editoras que se especializem nisso, que tenham profissionais que conheçam o ramo editorial para crianças e jovens, que pesquisem, que estudem isso e produzam coisas boas. Às vezes, nós temos excelentes textos, mas a produção editorial deles fica a desejar, porque a gente não tem ainda essa condição de produzir dessa forma. Temos muito a crescer ainda...

**NG:** Eu estou te perguntando também essas coisas, porque você também é uma estudiosa de literatura. É Mestre em Estudos Literários. Acredito que tenha um conhecimento também de como está isso aqui no estado, a produção capixaba. E depois que consegue uma editora, consegue colocar o livro, sair dali só do plano, do planejamento, consegue aquele material, a distribuição fica também comprometida? Onde que as pessoas podem divulgar seus livros e mostrar seu trabalho?

**SP:** Pois é, a grande maioria dos escritores capixabas produz os seus próprios livros por falta de editora. Hoje já tem melhorado, é verdade. Não podemos também dizer que não tem nenhum avanço; temos muitos avanços, mas a maioria dos livros produzidos, são produzidos pelo próprio autor. É o autor que escreve, é o autor que corre atrás, que produz, que edita, que vende, que distribui, que divulga, enfim, ele tem que correr atrás de todos os espaços. A gente não tem muito essa estrutura. Então, muitas vezes, tem bons livros que ficam guardados, ficam sem saída, porque o autor não dá conta de fazer essa... afinal de contas, ele, a habilidade dele é escrever; não é fazer outras coisas. Quando você tem uma editora por trás, que garante a distribuição, que garante a divulgação, isso é um ponto muito importante para o seu trabalho poder ser visto.

**NG:** Agora, vamos voltar um pouquinho e falar de você. Eu vi que tem uma outra curiosidade. Além do trabalho literário, você também escreve roteiros para história de quadrinho. Como é que é isso? Para onde você escreve? Que tipo de texto é esse? Também para crianças, não é?

**SP:** Eu produzo roteiros para histórias em quadrinhos, também para outros materiais mais educativos. Tem uma editora, em especial, do Paraná, Editora Luz e Vida, que eu tenho produzido, nos últimos anos, material para essa editora. Para eles eu produzi, por exemplo, roteiros para histórias de dedochê, teatro de dedochê...

**NG:** Dedochê é o...

**SP:** É o fantoche de dedo...

**NG:** É o teatro de fantoche no dedinho...

**SP:** É. Então, eles têm um conjunto de dedoche da turma do Smilingüido, um personagem bastante conhecido. Eles me pediram para fazer roteiros para essa turma. Eu fiz também histórias em quadrinhos durante seis anos. Hoje a revistinha em quadrinho não continua a ser editada, mas volta e meia eles me pedem algum material. Fiz roteiro para um CD, para eles, um CD que era história e música. Então, roteiros de materiais educativos eu também faço, já fiz para eles e para outras instituições também.



Capa de *Smilingüido e sua turma*, de cujos roteiros Silvana Pinheiro participou.

**NG:** Aqui no estado você também trabalha com isso? Porque você disse que manda para essa editora do Paraná e é uma distribuição nacional, não é? A gente tem aqui também esse trabalho do Smilingüido, que é bastante conhecido. Mas aqui no estado você também trabalha com isso?

**SP:** Não, aqui no estado não produzi nada nesse sentido ainda. Meu contato tem sido com instituições de fora daqui.

**NG:** Você tem algum plano ou ainda não? Pensa que pode ser uma possibilidade?

**SP:** É, pode ser uma possibilidade. É o que eu te falei: nós, infelizmente — nessa área da produção de materiais para crianças, sejam literários ou educativos —, ainda estamos engatinhando. Eu gostaria muito de ver isso acontecer. Eu não sou uma pessoa empreendedora nesse sentido; eu sou artista. Então, eu dependo de que outros profissionais suscitem essas produções, mas tenho muita vontade de ver isso crescer no estado.

**NG:** E sobre os seus trabalhos atuais, tem alguma coisa aí na manga que está para sair? Algum projeto novo? Algum livro novo?

**SP:** É, tem um livro para uma editora de São Paulo, que se chama *Amigos da terra*. É um livro juvenil, para jovens, que aborda a história de três ambientalistas capixabas: uma precursora [Maria Stella de Novaes] e dois ambientalistas, o Augusto Ruschi e o Paulo César Vinha. Esse livro já está no forno, já está pronto para sair; qualquer hora ele aparece.



Capas das edições de *Amigos da terra*, de Silvana Pinheiro.

Eu estou trabalhando também num livro de poemas, mas não para crianças.

**NG:** Mas a sua ideia é continuar trabalhando com esse público também, o infantojuvenil, ou você pretende em algum momento mudar um pouco o seu foco?

**SP:** É, eu percebo que a minha produção tem se direcionado para um público não só infantojuvenil. A maior parte das coisas que eu tenho escrito hoje não é para o público infantojuvenil, mas eu não abro mão de, surgindo oportunidades e surgindo ideias, investir nesse lado que eu gosto muito.

**NG:** Tem alguma outra realização que você ainda não conseguiu efetivar e você gostaria, algum sonho, algum plano na área literária que você tem em mente para longo prazo, médio ou longo prazo?

**SP:** Eu tenho uma produção também de contos, histórias, mas não para crianças. Ele é um livro que eu estou construindo já há algum tempo e ele é lento. Ele vai demorar algum tempo ainda. E eu tenho muita vontade de ver esse livro publicado com uma boa edição... E, quem sabe, continuando, chegar até a escrever romances... Tenho vontade.

**NG:** Tem vontade também de investir só na carreira de escritora depois?

**SP:** Ah, tenho! Quem sabe, quando eu aposentar como educadora, eu vou ficar por conta disso? Muito bom.

**NG:** Agora que também encontrou um caminho, uma forma também de trabalhar melhor, já dá para dar continuidade.

**SP:** É, dá para dar continuidade.

[...]

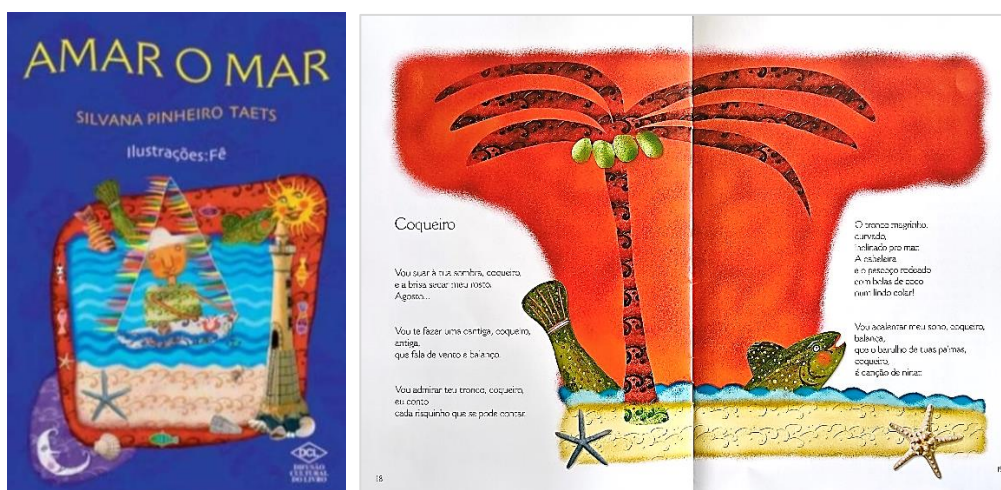


**NG:** Então, Silvana, muito obrigada. Sucesso com seus novos projetos, e continue escrevendo para a gente, para as crianças, para as nossas crianças, formando pequenos leitores.

**SP:** Está joia! Obrigada pelo convite, um prazer estar aqui com vocês!

[...]

Eu vou ler então um trecho do livro *Amar o mar*, com ilustrações de Fê, da editora DCL. É um livro de poemas. Eu vou ler o poema “Coqueiro”.



Vou suar à tua sombra, coqueiro,  
e a brisa secar meu rosto.  
Agosto...

Vou te fazer uma cantiga, coqueiro,  
antiga,  
que fala de vento e balanço.

Vou admirar teu tronco, coqueiro,  
eu conto  
cada risquinho que se pode contar.

O tronco magrinho,  
curvado,

inclinado pro mar.  
A cabeleira  
e o pescoço rodeado  
com bolas de coco  
num lindo colar!

Vou acalantar meu sono, coqueiro,  
balança,  
que o barulho de tuas palmas,  
coqueiro,  
é canção de ninar.



Prints do programa *Um dedo de prosa* com Silvana Pinheiro.